



TRIBUNA Livre

7
JANEIRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

JESUS NASCEU

A esponja do tempo passa inexoravelmente sobre todos os acontecimentos humanos. O berço e a biografia das maiores celebridades desmerecem e apagam-se sob o peso dos séculos, não obstante um intenso fulgor inicial de que em dado momento se mostraram iluminadas aos olhos dos mortais. Do que é puramente humano todas as grandezas se abatem e transformam em ruínas; chegam a desaparecer os próprios vestígios delas.

Mas a cabana humilde de Belém, onde a Família de Nasaret encontrou abrigo, e logo aí em meio da maior pobreza, nasceu o Redemptor do Mundo, há perto de dois mil anos, essa ilumina-se cada vez mais, e na projecção dos tempos, de um fulgor divino que vai chegando a todos os recantos da Terra por obra e graça de um mistério sobrenatural que o mundo crença, ou não, compreende e aceita sem resistência.

O Nascimento de Jesus, com todas as circunstâncias naturais e sobrenaturais que o rodeiam, toca no que há de mais profundo e sensível da alma; res-

peita, sem equívocos nem dúvidas, à transcendência dos destinos humanos que o simples instinto alcança.

Jesus nasceu no Presépio de Belém para sofrer e morrer crucificado no alto do Calvário. Todos os passos da Sua vida são exemplos de um Deus feito Homem para ensinar o mesmo homem a viver neste mundo em conformidade com as leis divinas e humanas.

Vê-se que o significado do Natal, de ano para ano celebrado com maior ternura e expansão de sentimentos humanitários, ainda é e será sempre o que mais infunde na alma das gentes,

com uma pacificação e doçura que lhe são inerentes, o sentido do amor e da caridade, que nunca deveria esquecer no trato constante das relações sociais.

Festejado no limiar de cada ano que surge na era da Redempção do mundo, chama o homem às verdadeiras razões eternas e práticas da sua existência.

A pobreza do Nascimento de Jesus constitui a verdadeira riqueza de todo o homem que sabe e deve tirar proveito dela, gozando-a e comunicando-a ao seu semelhante.

Tem dado a inteligência humana mil provas de quan-

(Continua na 4.ª página)



Presépio da Igreja da Estrela, composto por Machado de Castro (Séc. XVIII). Os presépios são uma das formas mais pitorescas da nossa escultura e um reflexo da devoção ingénua e simples dos portugueses. Foi Machado de Castro que deu a esta arte de sabor popular um requinte e uma dignidade plástica nunca atingidas até essa época.

A HOMENAGEM

ao Presidente da Câmara Municipal de Braga

A comissão promotora da homenagem ao presidente da Câmara Municipal de Braga não se tem poupado a esforços para que aquele acto público de reconhecimento resulte brilhante.

Estarão presentes na homenagem membros do Governo, representantes da Igreja, altas individualidades, membros de autarquias, dos organismos e das colectividades.

Na sessão solene, que se efectua no Teatro-Circo, pe-

las 16 horas, de domingo, além de ser imposta a Medalha de Ouro da Cidade, com palmas, ao sr. António Maria Santos da Cunha, ser-lhe-á igualmente entregue um pergaminho com o texto, da proposta apresentada, em Março de 1958, pelos então vereadores, o saudoso sr. António Fernandes de Araújo e o sr. José Maria Rodrigues, para a concessão daquele galardão. Usarão da palavra os srs. prof. dr. Lúcio Cra-

veiro da Silva, antigo reitor da Faculdade Pontifícia de Filosofia de Braga e actual provincial da Companhia de Jesus; vereador António Leitão de Carvalho, pela comissão promotora da homenagem; vereador dr. Américo Barbosa, professor liceal; Fernando da Costa Vilaça, presidente do Grémio; prof. Manuel António Antunes, presidente da Junta de Freguesia de Pedralva, pelas Juntas de Freguesia. Continua na 2.ª página

Reunião da Imprensa Regionalista

de homenagem ao sr. presidente da

Comissão Distrital da U.N.

No sábado findo, num dos hotéis da cidade de Braga, a Imprensa Regionalista ofereceu um almoço ao sr. dr. Teófilo Esquivel, presidente da Comissão Distrital da U.N., como retribuição de acto idêntico feito por aquele ilustre homem público para com os homens dos jornais.

Ao acto presidiu o sr. dr. Teófilo Esquivel rodeado pelos srs. drs. Mota Campos, Padre Alberto Rocha Martins, Cônego Vaz, Dr. António José da Costa e noutros lugares encontravam-se ainda os srs. dr. José Bernardino Amândio, Pa-

dre António Guimarães, Padre Oliveira, escritor Manuel Boaventura, Padre Diogo, Dr. Ferreira Leite, Jerónimo de Castro, professor Veloso, etc.

Os Jornalistas presentes representavam os Jornais "Correio do Minho", "Diário do Minho", "O Cávado", "Tribuna Livre", "Póvoa de Lanhoso", "Povo de Fafe", "Jornal de Famalicão", "Notícias de Famalicão", "Estrela do Minho", "O Conquistador", "O Vilaverdense", e "Jornal de Barcelos".

Aos brindes falaram os srs. Continua na 2.ª página

BALANÇO DE UM ANO

por António Maria Zorro

Tinha razão a Rainha Isabel da Inglaterra quando, na sua recente mensagem de Natal, se referiu com acentuado pessimismo ao ano que ora findou. No plano mundial, 1960 foi, com efeito, um triste, lamentável ano. Todo ele se consumiu na chamada "guerra fria" e onde não registou graves derrotas para a causa da Civilização Ocidental traduziu-se, pelo menos, em permanente malôgro de todas as tentativas de solução dos problemas em atrazo; sem solução ficou o futuro de Berlim e das duas Alemanhas; sem solução ficaram, entre os

muitos pecados colectivos que bradam inútilmente aos céus, os casos, da Hungria e do Tibete; sem solução ficou também a conferência genbrina do desarmamento — a mais inútil, a mais estéril de quantas conferências se tem realizado até aos dias de hoje; e ainda sem solução transita para o novo ano o doloroso problema da Argélia.

Foram doze meses de constantes correrias presidenciais e ministeriais, que não serviram para nada. Doze meses de ilusões desfeitas e de ameaças não realizadas. Doze me-

Continua na 4.ª página



Várias individualidades apresentaram cumprimentos ao Sr. Ministro do Interior pela passagem do 2.º aniversário da sua investidura.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Quem se atreve a ofender
o Senhor do firmamento
sem penitência fazer
faça conta que há-de ter
sem conta pena e tormento.

Pois sou bicho tão pequeno,
me condeno a mal tão grande,
e por nada me condeno
que razão há para que ande
penando pelo que peno?

Que busca eterno Senhor
quem vos não busca e vos chama
que ama, não vos tendo amor,
que amor tem quem vos ama,
sendo vós puro amor!

Quem há, meu imenso pai,
que em vos buscar faz detença,
se há tamanha diferença,
dos bens que no mundo há
e a vossa bondade imensa.

Desata os braços atados,
e beijando a terra fria,
abrasada em seus cuidados
se vai, seus passos contados,
à parte donde assistia.

Vendo que era já razão
para a alma ter saúde
dar ao corpo refeição,
as ervas tomou na mão
onde sempre achou virtude.

Dizendo: — Que medicina
nestas ervas escondestes
potencia Santa e divina
e que sentido me destes
contra esta fome malina.

Eu fui, meu Deus, um doente
que estava dondo e frenético,
e vós, médico excelente,
como soberano médico
me curaste de repente.

Fui um étigo e um tísico
incurável e pior,
e vós, meu físico-mór,
quiseste como mór físico
curar-me com vosso amor.

E agora como o enfermo
que se pode já erguer,
vem a este ermo a viver,
por que é natural no ermo
o enfermo convalescer.

E como as ervas que como
quando daqui me não mude,
a vossa graça me ajude,
co regimento que tomo
minha alma terá saúde.

Comeu e ficou quieta,
dando graças ao Senhor
que por seu imenso amor
lhe pôz na simples dieta
tanta sustância e sabor.

Logo a mansa cordeira
sobre a pedra se encosta,
que tem posto à cabeceira
donde uma cruz tem posta
a quem diz desta maneira:

A HOMENAGEM ao presidente da Câmara Municipal DE BRAGA

(Continuação da 1.ª página)

sia, e dr. António Abran-
ches, governador civil do
distrito.

Às 18 horas, haverá, como
já dissemos, uma cerimónia
religiosa, na igreja dos Con-
gregados, mandade celebrar
pela Irmandade de Nossa
Senhora das Dores e Santa
Ana.

Bandas de música percor-
rerão as ruas da cidade e
estarão presentes deputa-
ções de bombeiros voluntá-
rios de vários concelhos.

A comissão promotora in-
forma também de que a Casa
do Minho, em Luanda, en-
viará um pergaminho com
iluminuras do qual constam
os nomes dos subscritores

Reunião da Imprensa Regio- nalista de homenagem ao sr. presidente da Comissão Distrital da U. N.

(Continuação da 1.ª página)

Conego Vaz, dr. António Cos-
ta, Padre Alberto Rocha, Jeró-
nimo de Castro, dr. Ferreira
Leite, dr. Bernardino Amân-
dio, etc. Por fim agradeceu o
homenageado que se congratulou com esta reunião mani-
festando a sua simpatia para
com a imprensa e da necessi-
dade em que todos os bons
nacionalistas se unam para
ajudar o País e o Governo a
vencer as crises que nos afec-
tam e que vêm dos nossos
inimigos do estrangeiro.

No final foi cumprimentado
por todos os presentes que
mais uma vez lhe expressaram
a maior estima e desejo de
uma frutífera colaboração en-
tre todos.

Marcha da Vila do Prado

Letra de «Gota d'Orvalho»

Música da Marcha de Vila Real

Côro

Vila do Prado, oh que linda És!
C'o Cávado aos pés, que linda canção!
Vila do Prado, como És gentil,
Beijam-Te flores mil em adoração!

Ó meu Torrão adorado
Cheio de fado e poesia,
Cobre-Te a Virgem c'o manto,
Doce recanto todo magia.
A brisa, quando sorri,
Vem junto a Ti beijar-Te a alma;
Como encantadora És,
Vem o Cávado a Teus pés
Tornar-Te risonha e calma.

Prado meigo e sorridente,
Cachão fervente que o Sol namora!
O rouxinol despertar-Te
Vem, e acordar-Te ao romper d'Aurora.
Quando o sino ao meio dia
A Avé-Maria vem recordar,
Dos Teus lábios, com fervor,
Se houve um hino de louvor
Pelos campos entoar.

Minh'aldeia tão florida
Cheia de vida e gentileza;
São os Teus doces recantos
Ternos encantos da Natureza!
Quando aponta o mês de Abril,
De flores mil És coroada!
Pareces linda Princesa
Cheia de graça e beleza
Com nm sorriso de Fada.

No Alto da Capelinha
Que adivinha os sonhos Teus,
Tão risonha e tão fagueira
Vive a Lareira dos sonhos meus!
Quando sóam as Trindades
Vivem saudades os corações
Daqueles que já velhinhos,
Lembram quando aos seus filhinhos
Ensinavam Orações.

O Monte de Santa Helena
Ao longe acena nos arredores.
Este encantador cenário
Lembra o Calvário do Redentor!
A sua Cruz sobranceira
Tão altaneira, vem recordar
O madeiro onde Jesus,
O Deus da eterna luz
Veio por nós expirar!

As andorinhas, voando
Vão Te Louvando em debandada!
Cercam o Teu Céu azul
Núvens de tule, mantos de Fada!
Cantam ao longe as ceifeiras
E nas ribeiras murmuram águas,
As Madressilvas em flor,
Soltam eflúvios de amor
P'ra amenizar Tuas mágoas.

Quando nasceu Portugal,
Um roseiral cheio de História,
Nascestes, Prado adorado,
Ninho Sagrado—Santa Memória,
'Scolhido p'la Mãe de Deus,
Dos filhos Teus a Padroeira,
Quando a Primavera em flor
Desponta, cheia de amor,
Reza à Mãe a Terra Inteira.

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

VALDREU e GONDOMAR

Este foi o nome do famoso herói e cavaleiro cristão — Guntemaro, que na companhia de Pelágio, de quem era fiel escudeiro, e com outros sobreviventes da derrota, se refugiaram em Covadonga, e daí empreenderam a Reconquista.

Gondomar serve, como é sabido, de antropónimo a outras várias terras do país, vilas e aldeias.

Nas Inquirições de 1220, é tratada apenas por *Santo André* — da terra de Nóbrega. Nas de 1258, já se referiu a notícia que dão do respectivo mosteiro, da sua breve existência, e de como acabou, porque cavaleiros da terra fizeram-se herdeiros dele...

Nunca passou, até hoje, de uma pequena freguesia montanhosa; a sua população ainda parece não ter atingido os 200 habitantes, distribuídos por 50 e tantos fogos.

Compreende os lugares de *Ameixoeiras*, *Casais*, *Igreja*, *Nogueira*; deste último proveio e tomou certamente o apelido de família dos *Nogueiras* de Valdreu a qual em tempos recuados foi senhora do dito lugar e tem memória e prova disso nos títulos de foros e outros senhorios directos que aí possuiu.

Estas coisas passaram-se assim, de modo geral: muitas terras tomaram primeiramente o nome de seus primitivos senhores e colonizadores; depois essas mesmas terras e lugares deram o título a muitas famílias que no decurso dos tempos nelas foram estabelecer-se.

Fundou-se este topónimo *Nogueira* na natureza da cultura vegetal do lugar — *Nucaria*. Há muitos lugares e freguesias, deste mesmo nome, pelas províncias do Minho, T. os Montes e Douro, mas o verdadeiro solar dos deste apelido de *Nogueiras* foi a torre de *Nogueira* na freguesia de Sant'Iago de *Nogueira*, do concelho de Vila N. de Cerveira, junto ao rio Minho.

Veio isto a propósito de que os *Nogueiras* de Valdreu desceram de *Gondomar* como grão de semente transportado pelo vento; assim se explica algumas vezes a razão dos mesmos nomes em diferentes terras e lugares, não aqui, porque o sítio aonde foi reproduzir-se já era nomeado.

Tal como em relação aos planaltos de Paranhos, que se estendem pela cumeada a Sul de Santa Cruz, povoados de extensos mataçais de giestas, em fortes massiços de vegetação espontânea, também pelas alturas de Aboim da Nóbrega e toda a sua região planáltica a mão da Natureza semeou de espessos giestais, parecendo dever concluir-se que ao sabor de vigorosa corrente, as sementes das florestas atravessam vales profundos.

E também aqui não sei mais nada do que pessoalmente poderia observar e transmitir ao leitor; simplesmente que os povos destas duas vertentes do Homem se miram vis-à-vis como debruçados da varanda de suas terras; e, se mal se avistam e ouvem em seus labores e actividades campestres e quotidianas, é porque os olhos e os ouvidos com dificuldades vencem os pormenores a distância.

Mas, quando querem ver-se de perto e confraternizar, descem ao mercado quinzenal no terreiro de Covas a estabelecer o intercâmbio de suas mercadorias; e de olharem-se de mais perto não raro se verificam também os primeiros efeitos das atracções sentimentais que acabam por ligar por um traço de união mais firme a exemplar comunidade destas terras de *Ribeira*, ora e logo aquecidas pelo sol nascente, até despedir-se de todo pelos pináculos dos montes, avisando o feliz agricultor de que mais um dia de suas fadigas está prestes a terminar.

F I M

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso semanário os senhores:

Manuel Afonso Pereira e Bernardo José Antunes Vieira.

Gostosamente fizemos assuas inscrições que agradecemos.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 11 — a menina Joaquina de Barros Azevedo.

Dia 13 — o Sr. Adão Arantes Russel.

As nossas felicidades.

* * *

Passa terça-feira dia 11, o aniversário natalício, o nosso particular amigo senhor José Rodrigues Tavares, residente no Brasil.

Por tão faustosa data, sua família e seus amigos, desejam-lhe muitas felicidades.

Tribuna de Vieira do Minho

Carta de Ruivães

Entrou hoje o ano de 1961. Oxalá este nos traga mais sossêgo espiritual do que aquele que ontem findou.

O mundo vive horas de ansiedade trágica, porque o perigo de uma conflagração mundial está suspenso por um fio.

Argumentam muitos que a guerra de nervos, usada pelos da cortina de ferro, nunca se transformará numa guerra de verdade.

Acho que é optimismo demasiado, porque a paciência esgota-se e bem pode suceder que a passividade de alguns se transforme, de um momento para o outro, numa reacção violenta e devastadora.

Hitler, quando se julgou em condições de enfrentar os seus adversários, com um exército que parecia invencível, e uma tática militar com que ninguém contava, bateu o pé, anexou à grande Alemanha parcelas de territórios a que não tinha direito, mas tantos foram os esbulhos e tão repetidas foram as povoações, que, em dado momento, o Mundo livre reagiu, e a catástrofe precipitou-se. Tudo tem os seus limites....

Afinal, a guerra ainda não acabou.

Ou seja na Coreia, ou na China, ou na Argélia, ou Congo, em Cuba, ou no Laos, o

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Creio que passaste bem o Natal e entraste com saúde em 1961.

Estimo que faças bons progressos espiritual e materialmente. Por mim não faltarei com as notícias habituais de que tanto gostas.

Baptizados

No dia 8 de Dezembro p.p. recebeu o baptismo José da Conceição Fernandes Gonçalves, filho de Ramiro Gonçalves e Carolina Fernandes. Foram padrinhos José Joaquim Fernandes e Maria Lopes Coelho.

Em dezoito do mesmo mês baptizou-se José Jerónimo Teixeira Barbosa filho de José Barbosa, e de Maria Fernanda Teixeira. Foi madrinha Glória Pereira Barbosa.

Casamento

O último casamento de 1960 fez-se em 31 de Dezembro. Foram contraentes João da Costa Ferreira e Maria Luisa Fernandes da Silva. As testemunhas foram Domingos da

Costa Ferreira e Teresa de Jesus Soares Lopes, respectivamente, irmão e cunhada do noivo.

Chuva

Desde Setembro poucos dias tem havido sem chuva. Como é natural os prejuízos nas colheitas são muito grandes. As perdas em palha foram reparadas pelos pastos e erva que a chuva faz germinar.

Nos cereais e legumes os estragos são maiores e mais difíceis de reparar. E não vejo jeitos da chuva parar... Eu penso que tanta chuva, e por tanto tempo, é castigo.

Muita gente, porém, não acredita...

E continuam a viver mal... Bem sabes que Deus pode castigar os homens quando, e como lhe aprouver. Disse-te que muita gente não acredita e a prova é esta:—Fizeram-se preces em todas as igrejas para obter de Deus a cessação da chuva. Reparaste na quantidade de pessoas que foram assistir às ditas preces? Por mim julgo que não foram dez por cento!... Os maiores pecadores e a grande maioria dos que se dizem católicos ficaram em casa ou nos divertimentos. Não será para abrir os olhos aos cegos que a chuva continua a ser instrumento escolhido para castigo dos impenitentes?

Alto Falantes

No ano findo um cavalheiro de Lago propagandeou ter comprado uma aparelhagem sonora que se deslocaria por todo o país haja ou não corrente eléctrica. Esteve em experiências e parecia fazer bastante barulho. Depois do pagode terminar deu a filoxera na aparelhagem, na carteira... talvez no contrato, por doença da carteira, e a aparelhagem foi-se «embora». Agora começaram... a orgnizar um sorteio... para comprar outra aparelhagem sonora. Ao que parece o dono será o mesmo; pois, ele é a alma do sorteio... Ouvi afirmar que o «empregado locutor» do ano passado emprestara dois contos... certamente para ficar sócio, e que não os voltou a ver! Que falta lhe faziam agora! Como vês Lago está a viver bem... Quando tal aparece aqui uma emissora!...

Dispõe do amigo de sempre: J. Moreira Lago, 2-1-1961

Leia, Assine

Publique

«Tribuna Livre»

sangue humano tem corrido sempre.

Até aqui, os homens de boa vontade têm conseguido circunscrever essa guerra a conflitos limitados.

Mas quem pode afirmar que o rastilho, que vem ardendo, não fará deflagrar a pólvora, tão próxima dele.

Os próceres do sentimentalismo fingido, não se fartam de pregar a paz, a concórdia entre os povos, apregoando que a guerra é um grande mal.

Mas quem fornece dinheiro, armas e munições aos desviados que se deixam iludir com as trampolines dos magnates da cortina de ferro?

Ganharão estes juizo para arripiarem caminho?

Não seria preferível que se gastassem em obras de caridade essas torrentes de ouro que custa a defesa de cada país?

Parece-me que os factos não podem dar margem a esperanças risonhas.

A atmosfera internacional é por demais abafada; e enquanto os ventos soprarem do lado de lá da cortina de ferro, com a fúria ciclópica que todos temos constatado, nem haverá tranquilidade, nem esperanças de paz.

Contudo, como diz o Seringador nos seus prognósticos, Deus super omnia.

TRIBUNA ESCOLAR BALANÇO DE UM ANO

A Conferência de S. Domingos Sávio e o Natal

A Conferência Vicentina de S. Domingos Sávio que funciona na Escola Técnica de Braga, (Curso nocturno), realizou, num gesto de simpatia e abnegação, a sua visita de Natal deste ano; que teve como objectivo a Cadeia Municipal desta Cidade.

A ideia fora acertada; pensava-se numa casa hospitalar ou de caridade, mas a sugestão apresentada por alguns dos seus responsáveis soára como a mais aceitável, uma vez que, nas celas de uma casa de correcção, onde os dias, têm sempre o mesmo véu de amargura cobrindo a consciência sobrecarregada daqueles que ali expiam as suas culpas, e onde a monotonia desesperadora dos dias sempre iguais constitui o cruciante rosário de penas do recluso.

E foi assim que no pretérito dia 18 de Dezembro, num gesto de caridade e de espírito humanitário de levar um pouco de consolação aos que não têm Natal, que os rapazes deste Estabelecimento e Ensino, acompanhados do representante do Ex.º Director Sr. Dr. Braga Simões, e do Rev. Pe. Hilário Barros, distintos Professores desta Escola, transpando as muralhas desta casa, levaram aos reclusos um sorriso de amizade que foi tornar diferente dos outros 364 aquele único dia.

Pelas 2.30, chegávamos às portas da cadeia, onde eramos esperados pelo Delegado do Procurador da República Ex.º Senhor Dr. Francisco de Assis Gama Lobo Xavier, que amavelmente nos introduziu naquele Edifício, concedendo-nos o prazer de nos acompanhar nesta visita de Caridade, que constou de: Acto de variedades pelos alunos da Escola, e distribuição de uma merenda, rebuçados, cigarros, etc., a todos os reclusos.

No acto de variedades, em que foi locutor o aluno Luis Filipe, colaboraram os seguintes estudantes: Ao acordeão Luis Barata Lima, ao violão Alberto Cerqueira; foram vocalistas, Barato Lima, António Lisboa, Domingos Silva e Fernando Braga.

Todos os números apresentados foram longamente aplaudidos pela assistência.

Nos intervalos foram distribuídos prémios a todos os reclusos, que o Sr. Dr. Gama Lobo Xavier, num gesto de afabilidade, depunha nas mãos de cada contemplado.

Em momento oportuno, foi declamada uma poesia pelo aluno Domingos Silva, intitulada «Poesia de Natal», da autoria deste aluno.

No final do acto de variedades, o Rev. Pe. Hilário Barros, dirigiu duas palavras de consolação a todos os reclusos, apontando-lhes a virtude da esperança como meio

espiritual mais directo para, a dentro de um cárcere, se passarem uma festa dentro do possível, ao menos, com uma centelha de resignação. Prometeu-lhes ainda que, se autorizada, a Conferência passaria a enviar ali, semanalmente, dois rapazes, afim de procurarem, pela palavra, amenizar os seus sofrimentos.

Finalmente o Sr. Dr. Gama Lobo Xavier, agradeceu à Conferência o gesto tão simpático de Caridade e humanidade que a Conferência de S. Domingos Sávio tivera para com os reclusos, dizendo: «A vossa presença aqui, viera quebrar a monotonia que, em dias sempre iguais, paira dentro destas muralhas. «Enalteceu a Obra das Cadeias no sentido do seu desenvolvimento, e num gesto simpático que bem traduz a grandeza do seu coração, S. Ex.ª terminou anunciando aos seus reclusos, que brevemente, como resposta ao pedido formulado pelo Rev. Pe. Hilário, teriam a primeira visita dos rapazes da Conferência, o que autorizava plenamente.

Uma prolongada salva de palmas ecoou por todo o átrio, como resposta calorosa às inteligentíssimas palavras do Delegado do Procurador da República.

E assim terminou esta visita

que ficará bem vincada no coração de todos que se associaram a obra de tão benfeazer.

A «Audiovisão» que gentilmente nos emprestou o gravador para o serviço de reportagem, o nosso mais profundo reconhecimento, e que Deus lhe pague.

Conferência dos Alunos do Curso Diurno

Não foram somente os alunos da noite, que nesta quadra festiva promoveram algo de importância. Também a Conferência diurna, com um vasto campo de desenvolvimento caritativo, mandou celebrar, no passado dia 17 do mesmo mês, e na Igreja da Senhora-a-Branca, pelas 11 horas, uma missa á qual assistiram os Ex.ºs Professores deste estabelecimento de Ensino, confrades, alunos e pobres.

Pelas 12 horas, no Ginásio da Escola, foi distribuído bode aos pobres.

A estas cerimónias, assistiram, S. Ex.ª o Director da Escola Engenheiro Jorge Segismundo Álvares Pereira de Lima, e o Sr. Dr. Quirino dos Reis, Professor de Moral desta Escola.

Gota d'Orvalho.

JESUS NASCEU

Continuação da 1.ª página

to se esmera em saber explorar, no interesse comum, os dons naturais e sobrenaturais que podem concorrer para seu maior bem. Quantas experiências desastrosas no desacerço da sua marcha forçada, para uma perfeição que nunca vê atingida, só porque se desvia dos princípios imortais a que devia ajustar seguramente a sua mentalidade. Mas o homem despreza bens gratuitos; não alimenta o seu coração e aspirações, a sua sobrenaturalidade dos benefícios que o Céu lhe, comunica de graça.

O Presépio de Belém, todos os anos reproduzido por milhões de presépios, que na presente quadra se anteparam aos olhos dos homens de todas as feições e credos religiosos e político-sociais, desarma radicalmente todas as tramas do crasso materialismo que tinha em impor-se como religião universal, porque o mundo insiste em viver simplesmente de passagem e superficialmente o Natal do Senhor,

O homem tem segura-

mente ao seu alcance o Remédio para todos os males que o afligem, e são mais da sua alma que do corpo; para todas as suas inquietações, e ansiedade, mas as predisposições do espírito levam-no a correr longe e orgulhosamente por caminhos desconhecidos aos dos *homens de boa vontade*; pelos mesmos espaços siderais donde a experiência do mundo mais promete a confusão e ruína que a felicidade.

O Nascimento de Jesus, na cabana solitária e agreste dos arredores de Belém, é o testemunho do amor universal que devia unir todos os homens.

Se o Mundo, a viver a lição perene do Natal, iluminado pelos ensinamentos da humildade, caridade e amor, traz entre si tanta guerra de pensamentos, palavras e acções, o que seria dele pelo caminho de soberbas, ódios e ambições, que os homens, recusando-se a vivê-lo e encarná-lo levantam entre si, a interceptem-se orgulhosos e cegamente a Luz que devia guiá-los?

O que seria do Mundo sem Natal?

Continuação da 1.ª página

ses durante os quais o Sr. Krushev pôde à vontade insultar Eisenhower em Paris e Hamarskjöld das Nações Unidas, incendiar o Congo e lançar arraias em meia dúzia de jovens Estados africanos; explorar até à sociedade o mito do anti-colonialismo e ganhar a vassalagem de Cuba; doze meses em que quase todos os dirigentes ocidentais se limitaram a discutir, a dividir-se, a recuar, a abdicar. Os heróis do ano foram, afinal, os ratos e os cães mandados para o ar em busca do setestrela. A verdade, contudo, é que a opinião pública começa a estar farta deste género de brincos e já perdeu a conta aos satélites artificiais que os americanos e os russos têm pôsto em circulação.

De resto, não podemos atribuir ao Sr. Krushev o exclusivo das tristezas que ensombraram 1960. Certamente que ele não teve culpa dos terramotos que devastaram Agadir e extensas zonas da Pérsia e do Chile, nem das catastróficas marés sísmicas do Pacífico, nem das cheias que assolaram o Nordeste Brasileiro, nem dos grandes desastres de aviação ou de muitas idênticas desgraças a não ser — e só em parte — daquela que está a acontecer em certas regiões do Congo, onde morrem de fome, por dia, cerca de duzentas pessoas. De qualquer maneira, mesmo sem Krushev, 1960 teria sido um ano triste para o mundo.

* * *

E para Portugal? — Povo que como nenhum outro tem o coração aberto às dores e anseios de todo o mundo, povo cuja alma é, essencialmente, universalista, o Português partilhou do drama internacional deste ano de 1960 e nele foi, até, muitas vezes, uma personagem em foco, uma figura de primeiro plano; foi-o quando, em Abril, o Tribunal Internacional da Haia proferiu a sua sentença sobre o direito de acesso aos enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli, reconhecendo, implicitamente, a soberania portuguesa no Estádio da Índia; foi-o quando o Presidente Eisenhower declarou que a sua visita a Lisboa tinha sido o melhor antidoto das amarguras sofridas com o malogro da Conferência de Alto Nível e disse haver encontrado em Portugal e em Salazar «aquela visão, coragem e tenacidade dos navegadores portugueses capazes ainda hoje de resolver as grandes questões»; foi-o, nesse mesmo mês de Maio, com a vinda a Lisboa do Presidente Sukarno e as suas afirmações de amizade e de respeito pelas nossas fronteiras na Oceania; foi-o com o encontro de Franco e de Salazar, em Madrid, e com a reunião em Lisboa dos países fundadores da Associação Europeia do

Comércio Livre; foi-o, sobretudo, com a consagração que à Comunidade Luso-Brasileira veio dar a presença do Presidente do Brasil na hora da apoteose das comemorações do centenário henriquino.

A maior intervenção do nosso País no tablado internacional registar-se-ia, porém, nos últimos meses do ano. Quando na Assembleia Geral da ONU os países comunistas e os seus aliados afro-asiáticos se lançaram naquela feroz arremetida contra o Ocidente houve um só povo e um só Governo a barrar-lhes a passagem, a dizer-lhes redondamente *não*, a desmascarar-lhes os verdadeiros intuítos e a apontar ao mundo, num último aviso de bom senso e de dignidade, o atoleiro para que se caminha; esse povo e esse Governo foram os de Portugal. O que, no balanço do ano, constitui para o mundo uma das maiores razões de saldo negativo foi, para nós, ao invés, causa de extraordinário enriquecimento moral. Os ataques à soberania lusiada só serviram para reforçar em todos nos o dom inestimável da unidade; os agravos recebidos foram como a chuva caindo em boa terra — fizeram reflorir em todas as latitudes do mundo português as mais nobres virtudes dagreí.

* * *

Os jornais publicam circunstanciadas resenhas de como decorreu, no ano findo, a vida nacional. Referem, além dos grades acontecimentos a que acima se aludiu, a intensa actividade dispendida pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros e o não menor esforço da Secretaria de Estado do Comércio para defender a economia do País em face dos vários perigos que a ameaçam; recordam as visitas que vários membros do Governo fizeram às províncias ultramarinas e ao estrangeiro e os nomes dos soberanos ou estadistas que por seu turno nos visitaram; salientam a reforma do ensino primário, o impulso dado à política habitacional, o anúncio da construção da maior ponte da Europa — que será a ponte de Lisboa sobre o Tejo.

De tudo isto, porém, o que há-de perdurar na memória desta geração é a legenda do centenário henriquino, tal como perdura na memória da geração de há vinte anos a legenda do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração. Mil novecentos e sessenta será, para sempre, o Ano do Infante, o ano que reuniu em Lisboa, no Congresso da História dos Descobrimentos, sábios de oitenta e cinco países, debruçados sobre a Rosa dos Ventos de Portugal. Ano de Sagres — e, à imagem e semelhança de Sagres, ano batido por todos os temporais e iluminado por todas as esperanças.